

## A CRÍTICA EPISTOLAR: ESCRITA, LEITURA E PUBLICAÇÃO<sup>1</sup>

Águida Heloiza Almeida de PAULA<sup>2</sup>  
Moema Rodrigues Brandão MENDES<sup>3</sup>

### RESUMO

A troca de correspondência entre as escritoras mineiras, Cosette de Alencar, (1918-1973) e Laís Corrêa de Araújo, (1927-2006) durante o ano de 1970, contribui de forma significativa para a preservação da memória cultural brasileira, pois nela encontram-se registrados testemunhos de vida, relações pessoais e profissionais, interesses particulares e coletivos, além de costumes acrescidos dos valores sociais por elas preservados ou contestados. Este lote epistolográfico evidencia uma descrição dos processos em que o homem está envolvido, produzindo significados que é uma descrição não superficial das teias que envolvem, num sentido mais amplo, o homem em sociedade. É neste espaço que ocorrem trocas artísticas que elucidam os caminhos percorridos por ambas e por terceiros por elas citados, assim como a permuta de impressões intelectuais que repercutem tão caras à produção e à publicação de uma obra. Esta reflexão compreende a carta como um documento de pesquisa literária que possibilita a intenção de elucidar lacunas literárias que por algum motivo não foram preenchidas.

**Palavras-chave:** Cosette de Alencar. Laís Corrêa de Araújo. Crítica epistolar.

### ABSTRACT

The exchange of correspondence between writers from Minas Gerais, Cosette de Alencar, (1918-1973) and Laís Corrêa de Araújo, (1927-2006) during 1970, contributed significantly to the preservation of the Brazilian cultural memory, as they found in it. testimonials of life, personal and professional relationships, private and collective interests, in addition to customs added to the social values preserved or contested by them are registered. This epistolographic batch evidences a description of the processes in which man is involved, producing meanings that is a non-superficial description of the webs that involve, in a broader sense, man in society. It is in this space that artistic exchanges take place that elucidate the paths taken by both and third parties mentioned by them, as well as the exchange of intellectual impressions that are so dear to the production and publication of a work. This reflection understands the letter as a literary research document that enables the intention to elucidate literary gaps that for some reason were not filled.

**Keywords:** Cosette de Alencar. Laís Corrêa de Araújo. epistolary criticism

<sup>1</sup> Esta reflexão é resultado de parte da pesquisa desenvolvida para a dissertação de Mestrado intitulada: **Cartas: um gesto generoso de compartilhar** no âmbito do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

<sup>2</sup> Mestra em Letras (UniAcademia/JF). Especialista em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação pelo Centro Universitário de Formiga-MG (UNIFOR-MG). Membro do GT "Arquivos literários: memória, resgate, preservação", (CNPq) e do GT "Travessias e feminismos", (CNPq). *E-mail:* aguida.almeidaufjf@gmail.com.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Memória e Acervos literários (FCRB/RJ) Doutora em Letras (UFF/RJ), líder do GT "Arquivos literários: memória, resgate, preservação", (CNPq) e do GT "Travessias e feminismos", (CNPq). *E-mail:* moemarbrendes@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Se pusesse novamente as mãos nessas cartas, será que eu gostaria de lê-las novamente, de mergulhar no seu passado? (CAMPAGNON, 2019, p. 20).

A correspondência de um escritor deve ser tratada como um documento de pesquisa com a intenção de elucidar lacunas literárias que por algum motivo não foram preenchidas, mas que interessam muito, enquanto manifestação cultural. O conceito de cultura adotado está de acordo com os estudos de Clifford Geertz (1989).

Nesta obra, Geertz apresenta uma das possibilidades conceituais para o entendimento de cultura que é essencialmente semiótico, porque acredita que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Então, a cultura serão essas teias e a sua análise é uma ciência interpretativa em busca de significados.

A partir desta defesa, para entender a manifestação da cultura, é interessante olhar como os representantes deste ponto de vista se comportam. No caso, é importante entender que, a correspondência trocada entre Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo no ano de 1970 evidencia uma descrição dos processos em que o homem está envolvido, produzindo significados e estes sendo produzidos por ele, ou seja, é uma descrição não superficial das teias que envolvem, num sentido mais amplo, o homem em sociedade.

Circundado por esta teia de significados está o pesquisador-epistolográfico ao trabalhar um lote de cartas, cartões, bilhetes e telegramas, por exemplo. Ele é levado constantemente a se questionar ou a criar reflexões em torno de interrogações sobre o porquê os escritores não rasgaram a referida correspondência recebida e por que muitos deles mantiveram cópias das cartas envidadas.

Associadas a estas questões parece estar o fascínio pelo segredo que incide sobre a investigação do conteúdo de uma carta. Conceitualmente carta deve ser compreendida como texto escrito em suporte papel, redigido à tinta ou a lápis, que segue para o destinatário dentro de um envelope selado e, devidamente, encaminhado a um correio.

Retomando a questão da relação homem-sociedade considerado por Gertz (1989), dialeticamente, ela nos remete a um outro momento do mundo que, pela velocidade, nos obriga a dedicar um tempo expressivo para escrever uma carta. Atualmente, esta ação é realizada por poucos que conseguem captar o real sentimento que o carteadado exige, conforme constata o fragmento,

Outrora, no meu tempo de estudante, pois se trata dessa era longínqua, ainda se escrevia, cartas, muitas cartas, todos os dias, várias por dia, para diversos correspondentes, como homens e mulheres do século XIX, tempo em que se conservavam as cartas recebidas (COMPAGNON, 2019, p. 20).

A partir desta ponderação, é importante pensar que receber e/ou enviar um *e-mail* ou uma mensagem através das redes sociais, não gera a mesma emoção que fazê-los via correios. Quando estamos redigindo uma carta pessoal, estamos falando de nós, de nossas vidas, das nossas emoções, estamos preocupados com a caneta que vamos utilizar que contribuirá para uma caligrafia mais bonita, com o papel no qual vamos escrever, com a cor do envelope escolhido para alocar a carta, no tempo que ela levará até chegar ao destinatário. Acompanha este ritual, a decisão de se colocar algum objeto junto à carta, como um desenho, ou um pequeno pedaço de papel com uma anotação ora esquecida.

Tudo é feito de maneira cuidadosa, pois imaginamos que essas missivas serão recebidas e lidas com a mesma expectativa com que foram escritas para, posteriormente, serem guardadas nos arquivos dos destinatários.

Assim, pessoas ilustres, ou não, podemos citar os escritores, filósofos, artistas, políticos, reis que, com vários tipos de personalidade, deixaram-nos suas cartas e seus diversificados acervos, os quais hoje se transformaram em objetos preciosos de estudo.

O incontestável é que cartas são cartas e estão guardadas compondo o acervo de um escritor. Algumas intactas outras marcadas pela presença de insetos de papel, mas sem dúvidas, todas cheias de intimidades, misturadas a manuscritos<sup>4</sup>, autógrafos ou datiloscritos, por meio dos quais muitos segredos serão revelados.

---

<sup>4</sup> “A crítica genética nomeia manuscrito não somente o que foi escrito à mão, mas tudo o que sai da mão do escritor, podendo ser um texto batido à máquina, digitado, um disquete ou CD, ou uma prova de impressão [ou correspondência]” (SANTOS; VASCONCELOS citados em OLIVEIRA; VASCONCELLOS, 2015, p. 217).

Um escritor, ao fazer a escolha do que ficará arquivado e o que será descartado de seu acervo, contribui para a formação e preservação da memória cultural, intelectual e artística de uma sociedade.

Ciente disso ou não, Cosette de Alencar guardou as cartas enviadas por Laís Corrêa de Araújo que estão custodiadas pelo Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) no Acervo da Família Alencar no Fundo da titular. Este Museu é administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora Minas Gerais. E Laís não destruiu as cartas de Cosette que estão sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros (AEM), no Acervo da Família Ávila, no Fundo da titular. Esta Instituição é administrada pela Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Este lote de correspondência mantido pelas escritoras, durante o ano de 1970, objeto desta reflexão, é constituído por 23 cartas sendo 12 enviadas por Cosette de Alencar e 11 enviadas por Laís Corrêa de Araújo.

Estes órgãos públicos, com a devida autorização dos herdeiros, são responsáveis por receber, proceder ao tratamento técnico adequado, organizar todo o material em suporte papel, recebido para, então, disponibilizá-lo à pesquisa pública de modo que a integridade do doador seja mantida e sua documentação-memorialística preservada. Em torno deste argumento pondera Castro,

[...] ou começamos a cuidar de nossos papéis, onde estão contidas informações, dados, e valores que traçam a trajetória evolutiva, ou vamos carecer dessas informações, fundamentais na explicitação do futuro [...] “o papel é o suporte de grande parte da nossa informação histórica. E se esse suporte não merecer um trato adequado, desaparece a informação que nele foi depositada em tempos passados” (CASTRO, 2010, p. 42).

Diante deste alerta, podemos entender que o mais correto a se fazer é preservar para não ter que restaurar no futuro, pois, quando visitamos os bastidores da criação é possível esclarecer lacunas antes inexplicáveis registradas nesta documentação em suporte papel.

Estas instituições museológicas são guardiãs e disseminadoras da memória, sendo capazes de representar e recuperar a realidade dos escritores, sua vida literária, pessoal e social, buscando no passado informações relevantes que são capazes de alterar e sustentar estudos historiográficos futuros.

## 2 DUAS MULHERES E ALGUMAS QUESTÕES:

Com o intuito de melhor contextualizar o conteúdo das missivas, é considerável tomar conhecimento de parte da biografia das referidas missivistas. De acordo com os estudos de Affonso (2017) a vida de Laís Corrêa de Araújo começa a ser investigada a partir da data de seu nascimento. Sobre esta data foram localizados registros diferentes: Hilda Agnes Hübner Flores informa que a escritora mineira nasceu em 1927, no dia 03/03 em Campo Belo, Minas Gerais; e Nelly Novaes Coelho anuncia que este nascimento ocorreu em 1929 no mesmo dia e local. Esta questão foi devidamente resolvida por meio de uma carta datada de 16 de março de 1970 na qual Laís registra um comentário que legitima a data de seu nascimento: 03 de março de 1927.

Cosette,

**Dia 3 fiz 43 anos!** Sem festas, é claro, mas obrigando-me a [ilegível] e assumir a responsabilidade de tantos anos inúteis perdidos. Posso recuperá-los? [ilegível] mas ao menos tentarei superá-los com alguma coisa de útil e, se possível agradável...

Abraça-a a Laís. (ARAÚJO, [Correspondência. Carta], 16 mar. 1970, grifo da autora).

As teóricas, entretanto, não divergem quanto às informações de que a escritora mineira exerceu as funções de professora, poetisa, cronista, tradutora, crítica literária, jornalista, ensaísta e escritora de literatura infantil.

Quanto à participação em periódicos, Laís Corrêa de Araújo foi colaboradora da revista **O Cruzeiro** do Rio de Janeiro, nos jornais **Diário de Minas** e Suplemento Feminino de **O Estado de São Paulo**, e segundo Maciel (2002), Laís sempre foi ousada nas atividades intelectuais, buscando conhecer e percorrer novos caminhos no campo da crítica, da ficção e da tradução.

Ela retratou-se como uma das raras vozes femininas a se fazer ouvir na vanguarda poética brasileira dos anos 1950 e 1960 que participou ativamente no contexto cultural mineiro desse período e dos anos subsequentes. Sempre atenta aos principais acontecimentos estéticos do país e do mundo, ela foi a única participante feminina da semana Nacional de Poesia de Vanguarda. Este evento foi realizado em agosto de 1963 quando integrantes do movimento da Poesia Concreta

e da revista mineira **Tendência**<sup>5</sup> reuniram-se em Belo Horizonte para pensar, articular e fazer circular uma frente ampla de poesia de vanguarda. O objetivo era conciliar as propostas de inovação e experimentação estéticas com um programa de intervenção crítica na realidade nacional.

Maciel (2002) continua informando que este evento de poesia de vanguarda contou com a participação maciça de poetas em sua grande maioria do sexo masculino – a quem a presença de uma escritora mulher à mesa debatedora imprimiu o sentimento de inquietação e causou um desconfortável estranhamento manifestados por um membro da plateia que se dirigiu à mesa conferencista perguntando por que Laís, uma mulher, estaria compondo a mesa de abertura do evento. (In)contestavelmente Laís Corrêa de Araújo ultrapassara os limites demarcados para as mulheres de seu tempo não se restringindo, ao que se denominava à época, produzir poesia feminina e participar de eventos femininos,

Laís pode ser tomada ainda como uma das poucas poetas-mulheres de sua geração a se filiar a uma linhagem poética que se transformou num dos ramos mais importantes da história da poesia e da crítica moderna: a dos poetas que sob o signo da “paixão crítica”, não apenas converteram poesia em espaço de debate sobre o próprio ato de criação, mas também se dedicaram ao exercício da reflexão crítica, escrevendo textos sobre outros autores e obra, estudos sobre a poesia e considerações sobre temas de distintos matizes (MACIEL, 2002, p. 14-17).

Laís Corrêa foi criada em um ambiente intelectual, haja vista ser filha do filólogo Lafaiete Campos de Araújo e da professora Josefina Rios Corrêa de Araújo. Era irmã de Zilah Corrêa de Araújo, contista e romancista, era casada com o poeta Affonso Ávila e juntos exerceram larga influência no cenário literário mineiro e nacional.

Quanto à Cosette de Alencar, Mol (2015) registra que a escritora se destacou como cronista na cidade de Juiz de Fora. A atividade de escritora iniciou-se concomitantemente à sua trajetória de jornalista ocupando um espaço importante nos periódicos da referida cidade. Na medida em que suas colunas conquistavam

---

<sup>5</sup> Este periódico teve quatro números e foi publicado em Belo Horizonte de 1957 a 1962. O empreendimento se deu pelas mentes e pelas mãos de três jovens editores: o poeta Affonso Ávila, que contava 29 anos, o crítico literário Fábio Lucas, idade 26, e o romancista Rui Mourão, 28 (PAGANINI, 2013, p. 2).

leitores assíduos, tornavam-se reconhecidas por personalidades respeitadas do meio literário.

Dialogando com Mol (2015), a pesquisadora Rita de Cássia Vianna Rosa (2013), registra que Alencar colaborou na década de 1930 para o jornal **O Pharol e Jornal do Comércio**; entre 1938 e 1939, na **Gazeta Comercial** com a publicação mensal das crônicas *Trapos e Retalhos*, e no **Diário Mercantil** de 1939 até 1973, ano de sua morte.

No **Diário Mercantil**, publicou crônicas em diversas colunas: *Bilhete* de 1939 a 1941, *Semana* de 1942 a 1945, *Correio da Província* de 1945 a 1946, *Coisa da Cidade* em 1946, *Conversa de Domingo* em 1947, *Duas Palavras* de 1947 a 1948, *Conversa com Joaquim* de 1950 a 1951, *Letras aos amigos ausentes* em 1951, *Instantâneo* em 1951, *Rodapé Dominical*, de 1953 a 1973; *Canto de Página*, de 1960 a 1973; *Grifo*, de 1961 a 1962; *Suelto*, de 1961 a 1966; *Cravo e canela*, de 1963 a 1967, e *Livros e letras*, de 1968 a 1973. Neste mesmo periódico, publicou **O diário de Ana**, em forma de folhetim, tendo seu início no dia 29 de abril de 1962. Após este ano, a publicação foi interrompida, retornando em 11 de setembro de 1966 circulando até 29 de outubro de 1967. Publicou poemas, entrevistas e edições especiais no **Diário Mercantil**, ratificando sua efetiva e importante participação nesse periódico.

Filha de Gilberto de Alencar, o renomado escritor e membro da Academia Mineira de Letras, Cosette carregava um sobrenome que vinha sendo relacionado com evidência às letras brasileiras, e logo após a morte de seu pai (1961), ela ficou responsável por todo o seu acervo, tendo assim a oportunidade de se corresponder com um círculo literário de escritores dentre eles, Laís Corrêa de Araújo.

Estas duas mulheres, Cosette e Laís, desempenharam, portanto, um significativo papel no cenário literário da época, com suas produções publicadas em jornais e revistas, com participação em eventos literários proferindo palestras, publicando livros e contribuindo na elaboração de críticas<sup>6</sup> a diversas publicações de escritores novíssimos em cena que lhes eram solicitadas por algumas editoras mineiras e cariocas, principalmente.

---

<sup>6</sup> “Como revela a etimologia, a crítica pressupõe, necessariamente o ato de julgar, isto é, conferir valor às coisas, no caso obras literárias” (MOISÉS, 2013, p. 98).

### 3 COMO ESCUTAR A CORRESPONDÊNCIA

Amizades eram estabelecidas e confidências eram trocadas entre Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo. Críticas eram elaboradas, indicações de livros eram feitas e decisões eram tomadas como nos mostram os diálogos sobre a publicação da obra **Giroflê, giroflá**, de autoria alencariana.

Em carta datada de 5 de janeiro de 1970 – a primeira deste lote eleito –, Cosette de Alencar escreve: “Quando passar esta fase, vou pensar em reunir os exemplares do GIROFLÊ, GIROFLÁ para enviar à comissão da Imprensa Oficial: estão espalhados por aí, nem sei onde”. (ALENCAR, [**Correspondência**. Carta], 05 jan. 1970). As escritoras trocaram 3 cartas durante os meses de janeiro a março sem comentar sobre o livro, voltando às falas sobre este assunto em carta datada de abril de 1970, na qual Cosette comenta:

Quanto a mim, ainda não pude reunir as cópias do GIROFLÊ, GIROFLÁ para a Imprensa Oficial. Mas recebi o livro da Zilah, escrevi logo uma nota sobre êle que, não sei porquê, ficou retida: com as minhas férias, esqueci-me de a encaminhar à oficina e só agora estou corrigindo este lapso (ALENCAR, [**Correspondência**. Carta], 2 abr. 1970).

E as interlocuções sobre a tentativa de publicação da obra alencariana continua e entre os fragmentos de uma carta datada de 10 de abril de 1970 escrita por Laís Corrêa de Araújo, acompanhamos a evolução dos fatos e atos,

Cosette,  
antes de tudo, devo alertá-la de que o prazo para a inscrição dos livros a serem editados gratuitamente pela Imprensa Oficial vai até dia 30.4. Não sei o que você está esperando ou por que a hesitação... pode estar certa de que as nossas edições vêm tendo excelente aceitação, porque estão realmente bem feitas graficamente. Há aqui um artista plástico, Márcio Sampaio, que vem fazendo várias capas para livros da Imprensa e dando-lhes uma apresentação ótima. [...]. Não fica barato e dá outra categoria aos livros. É claro que, tão logo o “Giroflê, Giroflá” entre na oficina, eu posso cuidar dessa parte aborrecida [...] para você. Trate portanto, de enviar-nos um original, acompanhado de requerimento ao Dr. Paulo Campos Guimarães em que você expressa claramente o desejo de que o livros seja impresso gratuitamente, de acôrdo com o artigo 3º do decreto n.º 12.099, de 8.10.1969 (ARAÚJO, [**Correspondência**. Carta], 10 abr. 1970, grifo da autora).

E Cosette responde,

Lais,  
E, quanto ao GIROFLÊ, GIROFLÁ, tão generosamente empurrado por você, não tive dúvidas: arregacei as mangas, trepei numa escada, desencavei uma última cópia do desgraçado romance. Por sinal, cópia em mau estado, mas tempo não havendo para nova apresentação de trabalho, embrulhei o cartapácio assim mesmo e o remeti [...] (ALENCAR, [Correspondência. Carta], 24 abr. 1970).

Assegurando esta afirmação, neste lote documental, foi possível acompanhar as dificuldades que Cosette de Alencar enfrentou e superou para publicar seu romance **Giroflê, giroflá**, como atesta o diálogo entre os fragmentos da carta datada de 15 de junho de 1970 escrita por Cosette de Alencar e a carta datada de 22 de junho de 1970, enviada por Laís Corrêa de Araújo em resposta:

Laís,  
Eu, que nenhuma vaidade tenho, continuo aqui esperando notícias do meu GIROFLÊ, GIROFLÁ, cujos originais remeti, por insistência sua, à IMPRENSA OFICIAL. Que foi feito dele? Você garantiu-me seu aproveitamento, lembra-se? E insistia no sentido de que eu os remetesse. Remeto-os. E agora? Nem ao menos sei se foram recebidos, não me mandaram uma só palavra a respeito. Poderia verificar isso pra mim? E, se a Imprensa não puder publicar a porcaria, queria reaver esta cópia, a última que me resta. Peço-lhe, por favor, que me ajude nisto (ALENCAR, [Correspondência. Carta], 15 jun. 1970).

E Laís Araújo responde:

Cosette,  
Estou estendendo o tal bilhete, que era mais pra dizer-lhe que seu livro foi aprovado sim, com um parecer, aliás, excelente. (Não foi meu, foi do Oldair de Oliveira). O Murilo Rubião, não sei por que, não tem mandado comunicação aos autores. Vou falar nisso com êle na próxima reunião. Aprovado, deve, porém, entrar na seleção final dos 10 melhores livros, a serem publicados gratuitamente pela Imprensa. Isto será no fim do mês, depois do dia 30. Se não entrar na seleção dos 10, poderá ser publicado, mas com a ajuda do autor (isto é, pagamento de papel, mão-de-obra, só). O seu livro foi muito elogiado pelo examinador (ARAÚJO, [Correspondência. Bilhete], 22 jun. 1970, grifo da autora).

Em agosto de 1970, novas notícias fortalecem a prosa missivística sobre o assunto recorrente,

Cosette,  
apenas um bilhete, para lhe dar a notícia de que seu livro foi selecionado entre os 10 a serem publicados gratuitamente pela Imprensa Oficial.

Portanto, ei-la romancista em breve! Meus parabéns, embora eu já tivesse a certeza, desde sempre, de que a sua escolha seria indiscutível: o livro é muito bom como consta o parecer de Odair de Oliveira e a inclusão entre os “10 mais”. Vou tentar obter para você uma cópia do parecer, que a informará da opinião da Comissão a respeito do “Giroflê”. A minha, você já conhece (ARAÚJO, [Correspondência. Bilhete], 08 ago. 1970, grifo da autora).

Em outubro fomos informados de que,

Cosette,  
estava esperando a reunião das quartas-feiras, para lhe dar uma resposta mais positiva a respeito do seu livro. Ontem, então, conversei com o Murilo, que me disse que o “Giroflê” vai entrar na oficina por esses dias. Assim, tão logo estejam prontas as primeiras provas, eu as enviarei a você, para a revisão. Embora eu tenha boa vontade em fazê-la, acontece que não conheço os sinais tipográficos usados em revisão (ARAÚJO, [Correspondência. Carta], 21 out. 1970).

Em novembro Cosette pondera,

Laís,  
E, falando em revisão, não vejo como resolver o problema da revisão do GIROFLÊ. Aqui, parece não haver quem entenda do assunto nos termos profissionais de que me fala. Dirigir-me ao Frieiro, jamais. Seria abuso, e sei muito bem que o excelente Eduardo evita o mais que pode as prebendas, cultivando um egoismozinho de boa água. Acredito que na própria IO exista quem possa realizar o trabalho. Ou não? Cada vez mais convencida fico de que editar um livro, entre nós, é façanha que requer fôrças mesmo físicas. E a trôco de quê? Ninguém lerá o desgraçado que encalhará nas prateleiras das livrarias, excetuados aqueles poucos exemplares adquiridos pelos amigos... por amizade, não por vontade de ler o calhamaço (ALENCAR, [Correspondência. Carta], 09 nov. 1970).

Em 24 de dezembro de 1970, a última carta do ano, como boas novas de Natal, escreve Laís,

Cosette,  
Bem, as notícias do “Giroflê” são boas. Conversei com o Frieiro, que se mostrou generoso e solícito. Tem que ir à Imprensa para escolher formato, tipos, etc, para o livro. Como entende do assunto, conhece os chefes de oficina, tem cartaz lá dentro, creio que a sua ajuda é indispensável, ainda mais nesses problemas práticos, porque eu sou inapta às atividades de tal [...], como v. diz. Expliquei a êle que o romance, entregue aos meus cuidados, iria mal das pernas e consegui convencê-lo, procurando o oferecimento espontâneo.... Enfim, o certo é que vai ajudar-nos e muito, com a boa vontade e competência ao assunto. Disse-me que deixasse de me preocupar com a capa, que é o último problema. Márcio Sampaio fez a do livro de José Afrânio, que já está pronto para sair. Mas o próprio José Afrânio me afirma que vale a pena, pois o Márcio faz belas coisas e a dêle ficou ótima. Assim, de vez em quando darei uma cotucada no Márcio, mas passaremos a cuidar da oficina. Na revisão, eu e José Afrânio trabalhamos

juntos. Como vê, fizemos aqui uma corrente de amizade e carinho por você – e tudo vai dar certinho! (ARAÚJO, [Correspondência. Carta], 24 dez. 1970, grifo da autora).

Assim Laís escreveu à juiz-forana, sobre as ações que estavam sendo empreendidas acerca da aprovação do seu livro a ser lançado pela Imprensa Oficial. Mesmo acometida de um certo desencanto em relação às tentativas para publicar o seu livro, Cosette não deixou de exercer o seu papel de crítica literária na emissão dos comentários a serem publicados nas colunas jornalísticas para as quais colaborava e continuava atenta à conjuntura literária que se delineava.

Laís Corrêa de Araújo sempre engajada e com uma determinada vontade de estar próxima das letras propunha novos projetos como a produção de um ensaio sobre o poeta Murilo Mendes conforme nos mostra o fragmento da carta datada de 13 de janeiro de 1970,

Cosette,  
Também creio que, dentro em breve, poderei começar a redigir o livro sobre Murilo. Até então, estive empenhada mais em pesquisas, em leituras de toda a obra dele, anotações, etc. Quero ver se em fevereiro começo a escrever mesmo. Portanto, tenho muito serviço a minha frente. Fora o da Comissão de Seleção de Livros da Imprensa, que me obriga a leituras e pareceres aborrecidos (é raro aparecer um livro realmente bom). Mas gosto disto. Gosto de sentir que estou funcionando, que estou fazendo algo, que estou viva, enfim (ARAÚJO, [Correspondência. Carta], 13 jan. 1970).

Cosette responde em 02 de abril de 1970, apoiando e elogiando a iniciativa da amiga escritora, aconselhando-a de que assim que o ensaio sobre Murilo Mendes estivesse pronto, deveria ser encaminhado à uma comissão de alto nível. E em carta seguinte – 29 de setembro de 1970, pergunta como vai o livro sobre o poeta Murilo Mendes afirmando que Laís precisa concluí-lo e entregá-lo à Maria Alice Barroso que terá o prazer de editá-lo, pois ensaio é um gênero literário muito apreciado. Informa ainda que a irmã do Murilo, Virgínia Torres, ficou esperando a visita de Laís Corrêa mais de uma vez adiada. Chama a atenção para o fato de Virgínia teria muito material que poderia auxiliá-la na mencionada pesquisa. Laís responde,

Cosette,  
Lentamente (falta-me o essencial, o tempo) vou trabalhando o livro sobre Murilo Mendes. Creio que vou levar mais 2 anos nisso! Só posso escrever pela manhã, uma hora no máximo (eu arrumo casa, compro carne, etc, etc) e nem sempre, nessa hora, a cabeça funciona... À tarde, o serviço na Biblioteca me toma todo – e lá me exige sempre redação, o que me desgasta (ARAÚJO, [Correspondência. Carta], 21 out. 1970).

Outros assuntos eram tratados e confidenciados como a informação de que Cosette havia recebido uma carta do Martins de Oliveira, e um bilhete do Edson Moreira, expressando o desejo de a Academia Mineira de Letras promover, em Juiz de Fora, a sessão comemorativa do 60º aniversário da entidade. Informa que escreveu uma nota a respeito e publicou-a em sua coluna no jorna **Diário Mercantil**, e no mesmo dia recebeu um telex do Prefeito Itamar Franco disponibilizando os recursos da Prefeitura para promover a iniciativa.

Conversam sobre a editora Bloch que enviou à Cosette de Alencar um caixote com todos os romances participantes e premiados com o Walmap em 1967 e 1969. Confidenciou que passou os olhos por eles e que usando de sinceridade o que mais tinha lhe agradado era o livro de autoria de Maria Alice Barroso, cujo título era **Um nome para matar: mulé-macho**, confirmando ser a mesma uma escrita talentosa e extraordinária. Compara o romance à produção de Clarice Lispector, afirmando ser aquela muito mais brasileira que esta.

Estes breves comentários não dizem tudo sobre o que é dizível. Há muitas informações que ainda se encontram em processo de investigação, consolidando o caminho a ser percorrido em busca do resgate e da preservação a fim de evitar o esquecimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A correspondência de um escritor nos possibilita um novo modo de olhar o cenário literário da época. Desta forma, em acervos epistolográficos à espera do olhar entusiasmado de um pesquisador, acumulam-se documentos fundamentais para a (trans)formação da historiografia literária.

Constatamos que o carteadado entre as escritoras mineiras pôde nos esclarecer como se comportava parte o mercado editorial à época, haja vista o cuidado que ambas as signatárias delegavam às publicações mútuas e à de terceiros em

suportes jornais e livros, citados em cada missiva. Estas mulheres intelectuais apresentaram em suas cartas informações relevantes que nos propiciaram apreender melhor o momento histórico-literário do período de 1970.

As cartas enviadas e recebidas por Cosette de Alencar e por Laís Corrêa de Araújo constituíram-se como uma importante fonte de informações, pois nos autorizaram saber sobre os caminhos percorridos para se alcançar a publicação da obra **Giroflê, giroflá** de autoria da mineira juizforana, que finalmente foi publicada pela Imprensa Oficial em 1971. Imprensa Oficial de Minas Gerais (IO/MG -1891), que, inicialmente instalada nas dependências do antigo Palácio dos Governadores, tinha como objetivos a difusão da cultura mineira e a oferta de soluções em serviços gráficos de qualidade atos que contemplaram a publicação de **Giroflê, giroflá** e outras obras de escritores, hoje, consagrados.

Constatou-se de forma expressiva, por meio desta correspondência, a colaboração literária presente nesta amizade epistolar quando se verificou o empenho de Laís Corrêa de Araújo para que Cosette de Alencar publicasse sua obra **Giroflê, giroflá** que teve boa aceitação crítica, sendo indicado ao Prêmio Walmap em 1969, sem, porém, conquistá-lo.

O ensaio de Murilo Mendes, da autoria de Laís Corrêa de Araújo, citado nas cartas, foi lançado em 1972, em Ouro Preto pela Editora Vozes, compondo a coleção **Poetas Modernos do Brasil**. Este lançamento ocorreu no Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o título de **Murilo Mendes**.

A divulgação desta obra fez com que a escritora campo-belense, em 2000, participasse da institucionalização do **Centro de Estudos Murilo Mendes** pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) ao lado de Maria da Saudade Cortesão Mendes, viúva do poeta, e outras personalidades.

A partir destas constatações, asseverou-se que a amizade das autoras se fundamentou na cumplicidade intelectual procedente da Academia, da mineiridade, da genética e dos ensinamentos familiares, pois Laís Corrêa de Araújo foi casada com Affonso Ávila, literato, poeta e ensaísta que exerceu grande influência em sua vida pessoal e profissional. O mesmo ocorreu com Cosette de Alencar, filha de Gilberto de Alencar membro fundador da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira nº21.

É importante ressaltar que as epístolas se constituíram como elemento essencial à esta reflexão, já que revelaram parte dos bastidores literários da vida de duas mulheres com registros de confidências literárias, de uma escrita de si e do outro, de um passado vivido e de uma época compartilhada.

Finalizando, a amizade construída entre as duas escritoras, assim como o enriquecimento de informações da vida literária de ambas foram consolidados ao longo do carteadado. As escritoras, portanto, a seu modo, e a seu tempo deram voz ao universo feminino no campo literário mineiro. Enfim, encerramos, afirmando que as cartas podem servir como suporte teórico para a compreensão daquilo que é enigmático na obra de um escritor.

## REFERÊNCIAS

AFFONSO, M. E. F. **Vida e literatura**: Laís Corrêa escreve a Cosette de Alencar. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/Dissert/article/view/2712/1792>. Acesso em: 08 jun. 2021.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 05 jan. 1970. 3 f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 02 abr. 1970. 3 f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 24 abr. 1970. 3 f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 15 jun. 1970. 3 f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 19 set. 1970. 3 f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 09 nov. 1970. 3 f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 13 jan. 1970. 4 f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 16 mar. 1970. 4 f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 10 abr. 1970. 4 f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 22 jun. 1970. 2 f. 1 bilhete.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 08 ago. 1970. 3 f. 1 bilhete.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 21 out. 1970. 3 f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 24 dez. 1970. 3 f. 1 carta.

CASTRO, A. A. N. de. A preservação documental no Brasil: notas para uma reflexão histórica. **Acervo**. Rio de Janeiro: v. 23, n. 2, p. 31-46, jul./dez. 2010.

COMPAGNON, A. **A era das cartas**. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MACIEL, M. E. (org.). **Laís Corrêa de Araújo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

MOL, I. B. **Cosette de Alencar: a cronista de seu tempo**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/COSETTE%20DE%20ALENCAR%20-%20A%20CRONISTA%20DE%20SEU%20TEMPO\\_protected.pdf](file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/COSETTE%20DE%20ALENCAR%20-%20A%20CRONISTA%20DE%20SEU%20TEMPO_protected.pdf): Acesso em: 08 jun. 2021.

OLIVEIRA, L. M. V de; VASCONCELLOS, E. **Arquivos pessoais e cultura**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

PAGANINI, N. Affonso Ávila e a revista Tendência. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 33, p. 229-238, 2. sem. 2013.

ROSA, R. de C. V. **A general das letras: a literata Cosette de Alencar e a sua cidade Juiz de Fora: 1918 a 1973**. Orientadora: Rachel Soihet. 2013. 419 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2013.